



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Terça-feira > 17/10 > 14:00-15:30
Sala 1012

Ernani Chaves > Universidade Federal do Pará

Era necessário que o filme fosse o filme da memória e não do crime. Michel Foucault, colaborador e intérprete do Pierre Rivière, de René Allio

Em 1973, Michel Foucault, juntamente com sua equipe de colaboradores no Collège de France, publicou o dossiê acerca do assassinato cometido por Pierre Rivière, um camponês que vivia numa pequena aldeia da Normandia, em 1835: Rivière degolou sua mãe, seu irmão e sua irmã. Em 1976, estreia na França o filme sobre o caso Rivière, dirigido por René Allio, que havia se tornado um importante diretor de cinema, em especial pelo filme "A velha dama indigna", de 1965. O objetivo de minha comunicação é mostrar como Michel Foucault 'interpretou' a transposição do seu Pierre Rivière para a tela. Para além da clássica questão acerca da adaptação para o cinema de obras literárias ou de um material como o Pierre Rivière, interessa-me apresentar à discussão os temas centrais levantados por Foucault em três entrevistas, por ocasião do lançamento do filme, em fins de 1976. Em especial, sua proposição de que o filme só poderia ser um filme da memória, ou seja, baseado no próprio memorial de Rivière, que estava anexado ao processo, do que um filme do crime, isto é, baseado nas expertises psiquiátricas, que visavam determinar a patologia de Rivière. Assim sendo, é preciso entender, no limite, as relações entre cinema, memória e política, tal como Foucault as pensou naquele momento, inserindo sua posição sobre o filme de Allio em relação com a que ele tomou tanto em relação a outros filmes sobre a temática da loucura, quanto com aqueles cuja temática eram acontecimentos da segunda guerra mundial.

Marco Antônio Alves de Souza > UFMG

Quando o anonimato se tornou insuportável na literatura: a crítica biografista e a construção hermenêutica e comercial do autor moderno

Na famosa conferência de 1969 intitulada *O que um autor?*, Michel Foucault, ao analisar o exercício da função-autor nos discursos literários, afirma que o anonimato na literatura tornou-se insuportável a partir dos séculos XVII e XVIII, sendo admitido apenas como um enigma a ser enfrentado. A comunicação pretende aprofundar essa observação de Foucault, analisando diferentes aspectos, que passam pela nova crítica literária, pela hermenêutica filosófica nascente e pelas modernas práticas editoriais. Assim, o foco da apresentação será dirigido para a emergência da crítica de natureza biografista, pretensamente científica, que se volta para o indivíduo criador e procura descobrir e revelar sua interioridade, o desenvolvimento da hermenêutica subjetiva romântica, que ressalta a importância da compreensão divinatória, que confere ao gênio autoral uma função hermenêutica fundamental, e as novas práticas editoriais de publicação de obras completas e de edições críticas, que se valem da figura autoral como, ao mesmo tempo, um núcleo de coerência (uma projeção crítica idealizada) e uma marca que confere valor ao discurso. Em suma, o estudo pretende apontar para o caráter de construto artificial do autor moderno, entendido como uma nova posição-sujeito que é tornada visível, reconhecida criticamente, valorizada socialmente e protegida juridicamente no seio de uma nova articulação de poder e saber.

Mónica Herrera Noguera > Universidad de la República (UDELAR; URU)

El mundo del arte: entre el mercado, el clientelismo y ¿qué?

Cuando el arte, a través de procesos internos y externos, llegó a un estado de autonomía en cuanto a práctica con saberes y haceres propios, comenzaron a presentarse problemas respecto a su sentido y/o justificación. El mundo del arte se ha convertido en una institución especializada dependiente del mercado y/o de los Estados que, salvo en la confluencia con el entretenimiento, se

estructura autotéticamente. Así, deja poco espacio para aquello que lo cuestione y para una gran cantidad de espectadores que no son interpelados por lo que se produce como cultura, que les es tanto ajeno como indiferente. Cada vez más, una obra de arte, es presentada como una ponencia en un Congreso, algo hecho por entendidos para entendidos.

No obstante, en el discurso el arte, los artistas, teóricos y críticos no se resignan a este lugar. Se insiste en el poder crítico del arte, en su capacidad de modificar nuestras concepciones irreflexivas de la realidad y de actuar como emergente libertario de una sociedad sumergida en la homogeneización de las prácticas de consumo y de políticas para las que no hay posibilidades de cambio.

Es en este marco que nos proponemos reflexionar en torno al arte con fines críticos como posibilidad o mera ilusión.